

Mulheres da Encantada: O Livro-Reportagem como Possibilidade para Aprofundar a Abordagem sobre Índios no Jornalismo Cearense¹

Bárbara Rocha Barbosa SILVA²
José Ronaldo Aguiar SALGADO³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Este artigo pretende apresentar o livro-reportagem como uma alternativa de aprofundamento da cobertura jornalística sobre os índios do Ceará, em especial, sobre as mulheres da aldeia Jenipapo-Kanindé, localizada em Aquiraz. O presente trabalho faz parte do projeto que vem sendo desenvolvido desde dezembro de 2013 e que deve ser apresentado em novembro de 2014: o livro-reportagem “Mulheres da Encantada”, que pretende falar sobre a referida aldeia através de três gerações de mulheres. Devido à tímida e, muitas vezes, superficial cobertura dos veículos de comunicação locais acerca da questão indígena, o livro-reportagem pretende ampliar o olhar das pessoas para os índios do Ceará, geralmente deixados de fora no agendamento das publicações jornalísticas ou tratados de maneira superficial.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Índios; Jenipapo-Kanindé.

Introdução

Ao bradar o famoso “terra à vista”, Pedro Alvares Cabral deparava-se com um mundo que brevemente tornou-se novo para aqueles que já o habitavam. Com a chegada das 13 caravelas das navegações portuguesas, o universo do povo indígena – assim denominado porque os lusitanos pretendiam chegar até a Índia – era desbravado.

Encantados, os índios foram seduzidos pelas ofertas do homem branco, conduzidos a seguirem as crenças daqueles que chegavam cada vez em número maior, mortos pelas doenças que venceram a imunidade dos tupiniquins e escravizados na construção do país que, como nos é ensinado, tem sua história iniciada no dia 22 de abril de 1500, ainda que aproximadamente seis milhões de índios habitassem essas terras cerca dez mil anos antes.

Protagonistas dos capítulos iniciais dos livros de História do Brasil que abrem os capítulos que dão lugar a atuação portuguesa nessas terras, desde que o índio foi descoberto em território brasileiro, a repressão esteve presente. Durante muitos anos, o direito lhes foi

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior, componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado entre os dias 02 e 05 de setembro de 2014, em Foz do Iguaçu.

²Aluna do 8º semestre de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: babirbs@gmail.com.

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: ronaldoufc@gmail.com.

negado, as terras lhes foram tomadas de forma injusta e impiedosa e as imposições tiveram de ser obedecidas, caso não quisessem sofrer ainda mais pela dizimação do próprio povo.

Em 1755, foi estabelecido o Diretório Indígena, em que o Marquês de Pombal incentivava o casamento entre brancos e indígenas e ordenava a substituição da língua *nheengatu* pela língua portuguesa, afastando o índio de suas origens e o atraindo à submissão aos lusitanos. Já na década de 1860, o presidente da Província do Ceará ordenou a extinção de grupos indígenas por meio de um decreto (GOMES, 1988, p. 23), episódio que aconteceu também em outras regiões do País.

O etnocídio realizado gradualmente gerou o medo até mesmo de assumir a identidade indígena nas próprias terras. Hoje, ainda que carregam o berço da cultura brasileira, dando nomes a municípios, bairros e outros elementos que passam despercebidos pelo nosso olhar, o que é notório é a tentativa quase natural de disfarçar a relevância da etnia indígena no Brasil.

A questão indígena se processa numa dimensão histórica mais ampla do que aquela que define a história brasileira ou mesmo a americana em geral. Ela é a representação concreta de um cruzamento, que infelizmente se dá como embate, entre dois tipos de civilização, dois grandes complexos de possibilidade do ser humano (GOMES, 1988, p. 19).

De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, existem cerca de 817.963 indígenas no País, distribuídos em 305 etnias, o que corresponde a, aproximadamente, 0,4% da população total.

De acordo com a Fundação Nacional do Índio (Funai), a Região Nordeste concentra 106.501 indígenas. No Ceará, atualmente existem cerca de 26 mil índios divididos em 14 etnias (Anacé, Gavião, Jenipapo-Kanindé, Kalabaça, Kanindé, Kariri, Pitaguary, Potyguara, Tabajara, Tremembé, Tapeba, Tapuya-Kariri, Tupiba-Tapuia e Tupinambá).

A comunidade indígena, ainda muito subjugada na sociedade, apesar de ter conquistado alguns direitos, sofre muito com o preconceito e a imposição de grupos sociais, de governantes e de grandes empresas, que limitam a ascensão e a representatividade desse povo. A especulação imobiliária, o agronegócio e os projetos do governo voltados para a construção de usinas, ferrovias e gasoduto, por exemplo, disfarçam a existência de etnias indígenas que são obrigadas a saírem do próprio lugar para dar espaço aos interesses de outrem ou, caso queiram se defender, entram em um conflito fortemente arriscado para eles.

A realidade dos índios – assim como a de outros grupos dominados na sociedade – muitas vezes é retratada de maneira desumanizada, distorcida e repassada de uma forma muito limitada nas escolas, nos meios de comunicação, nas novelas, no cinema, etc. Dessa forma,

hoje ainda, por lhes desconhecemos a história, por ouvirmos falar, sem entender-lhe o sentido ou o alcance, em sociedades “frias”, sem história, porque há um tropo propriamente antropológico que é o chamado “presente etnográfico”, e porque nos agrada a ilusão de sociedades virgens, somos tentados a pensar que as sociedades indígenas de agora são a imagem do que foi o Brasil pré-cabralino, e que, como diria Varnhagem por razões diferentes, sua história se reduz estritamente à sua etnografia (CUNHA, p. 11).

Assim, os estereótipos são reforçados com recorrência. O povo indígena selvagem, primitivo e ignorante ainda é a impressão que muitos têm em relação a essa etnia.

Reforçando a necessidade de uma compreensão da sociedade sobre a real essência da população indígena até mesmo para a efetivação de seus direitos, a professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do Observatório Indígena, Isabelle Braz, destaca em um de seus discursos⁴ que “(...) o desafio que temos que enfrentar é desconstruir essa noção caricatural do que é ser índio e por fim à insistência que temos de querer congelar os povos indígenas no tempo e no espaço”.

A forte atuação feminina na organização das comunidades indígenas cearenses, por exemplo, é um dos processos talvez inimagináveis por grande parte da sociedade justamente por causa da noção caricatural salientada por Isabelle Braz. Na comunidade Jenipapo-Kanindé, a liderança feminina é reconhecida desde 1995, quando Maria de Lourdes, a Pequena, assumiu o cacicado da etnia. Assim como na “sociedade branca”, a luta pelo reconhecimento da mulher e de sua representatividade no espaço também é batalha das mulheres indígenas. No entanto, boa parte dos cearenses não tem conhecimento do fato.

Os Jenipapo-Kanindé

A aldeia indígena Jenipapo-Kanindé, localizada às margens da Lagoa da Encantada e próxima ao Morro do Urubu, no município de Aquiraz, é uma das 14 etnias indígenas reconhecidas no Ceará. Descendentes do povo Payakuia, que habitou a região sublitorânea

⁴“O índio hoje”, palestra proferida por Isabelle Braz em audiências públicas promovidas pelo Procurador da República Paulo Roberto de Alencar Araripe Furtado nos municípios onde estão localizados os grupos indígenas contemporâneos entre os dias 01 de fevereiro de 2002 e 22 de fevereiro de 2002.

do Ceará e do Rio Grande do Norte, conquistaram o atual território, que abrange 1731 hectares, em fevereiro de 2011, após 31 anos de batalha pela posse definitiva. Atualmente, a população conta com mais de 96 famílias, totalizando cerca de 400 pessoas.

Os Jenipapo-Kanindé são liderados por Juliana Alves, a cacique Irê, e Conceição Alves, a Cacique Jurema, filhas de Maria de Lourdes, conhecida como Cacique Pequena.

Na comunidade, são desenvolvidas diversas atividades para o sustento das famílias, como agricultura, artesanato e comércio. Algumas pessoas da aldeia também são guias nas trilhas no entorno do Morro do Urubu e da Lagoa da Encantada, promovendo o turismo ecológico, distante das explorações econômicas, e são monitoras no Museu Indígena Jenipapo-Kanindé, onde apresentam um pouco da cultura da aldeia por meio de imagens, utensílios domésticos, instrumentos musicais, entre outros objetos. Para incentivar o turismo na região, no mesmo espaço onde está o museu, há cozinha e quartos para receber visitantes, formando uma pousada.

Na região, também há a Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Jenipapo-Kanindé, voltada, também, para a cultura e o reconhecimento da identidade indígena.

A cobertura jornalística sobre índios no Ceará

Infelizmente, é facilmente percebido o preconceito dos que não têm conhecimento sobre a identidade indígena e acreditam que o fato desse grupo ter características que são semelhantes aos demais grupos da sociedade, como o uso de uma calça *jeans* ou a moradia em uma casa feita de tijolos e cimento, os afasta de sua própria identidade. Entretanto, há diversos elementos que compõem a cultura indígena. O “ser índio” vai muito além do que é imaginado pela maioria a partir dos estereótipos que reforçam os preconceitos.

Diante da necessidade de tornar conhecidos os grupos indígenas diversos espalhados pelo País e suas singularidades, é necessário, também, atentar para a abordagem de grande parte dos meios de comunicação, a fim de desmitificar a imagem absurda do universo indígena que muitas vezes é veiculada na imprensa, como as do índio despolitizado, invasor e submisso. Além da cobertura superficial, erros em relação ao tratamento a povos indígenas são cometidos, inclusive, em veículos de alcance nacional, como o que foi visto na emissora de televisão Globo News, que chegou a diferenciar índio de pessoa em legenda de uma matéria veiculada em maio de 2014: “Uma pessoa foi presa e um índio apreendido durante a manifestação contra a Copa do Mundo em Brasília”.

Muitas vezes, jornais impressos e televisivos e portais de notícias do Ceará colocam em pauta (quando colocam) os grupos indígenas do Estado em casos de protestos; fatos curiosos relacionados aos índios do passado; ou quando há investimento nas aldeias ou algum projeto inovador. Entretanto, costumes, rituais e histórias de vida desse povo dificilmente estão nos veículos de comunicação. Os índios do Ceará ainda ficam distantes da abordagem do jornal em relação aos povos indígenas de outros Estados. Pela rapidez com que as notícias devem ser veiculadas e pelo espaço de texto limitado, muitas vezes a abordagem é feita de modo tangencial, restringindo o conhecimento dos leitores, telespectadores e ouvintes acerca da temática indígena. É comum, inclusive, deparar com pessoas que não sabem da existência de aldeias indígenas no Ceará, mesmo que algumas dessas comunidades estejam relativamente próximas à capital, como a aldeia Tapeba, localizada em Caucaia, a 16 quilômetros de Fortaleza; e os próprios Jenipapo-Kanindé, que estão em Aquiraz, a 50 quilômetros.

Embora algumas reportagens de veículos de comunicação locais já tenham abordado particularidades importantes das aldeias indígenas do Estado, como a série “Excluídos”, que o jornal Diário do Nordeste publicou nos meses de maio e junho de 2013, sobre quilombolas, ciganos e índios do Ceará – abrangendo, em uma das matérias, liderança feminina nas aldeias indígenas, que inspirou “Mulheres da Encantada” – e o especial “Índios do Ceará” veiculado em 2012 no programa Câmera 12, da TV Jangadeiro, há uma carência na cobertura jornalística sobre etnias indígenas do Estado.

O número de pessoas autodeclaradas índias, somente no Ceará, cresceu mais de 6% nos últimos dez anos. A luta pela demarcação das terras ainda é intensa em muitas dessas aldeias, assim como o medo de perdê-las. Em relação à comunidade Jenipapo-Kanindé, a conquista do atual território se deu por meio de uma forte imposição dos índios diante dos interesses de uma das maiores empresas do Estado. Na região, a demarcação de terras foi oficializada apenas em 2011. Todavia, a posição dos indígenas muitas vezes é pautada caracterizando-os como “invasores”, como se as terras por eles conquistadas não lhes fossem de direito, ainda que tenham sido os primeiros a fazer morada nesses espaços.

Dessa forma, o tema já se revela importante pelo enfoque à luta pela demarcação das terras, tanto pelo intenso debate em torno da temática quanto pelo vasto material que poderia ser encontrado sobre o assunto, relacionado à batalha a favor do resgate de elementos da cultura indígena, bem como ao reconhecimento da identidade; à representatividade feminina e à forte relação com a natureza, para eles, a verdadeira “mãe”. No Brasil, a

discussão em torno do grupo é ainda mais necessária, já que o país carrega estereótipos em relação à etnia indígena ainda muito presentes, necessitando, assim, de abordagens diferenciadas no meio jornalístico.

O livro-reportagem como alternativa

Com uma proposta diferenciada, o livro-reportagem “Mulheres da Encantada” tem como uma dos objetivos mostrar diversos aspectos da comunidade (liderança, costumes, resgate da cultura, atividades produtivas, práticas religiosas, etc) perpassando pela história das três mulheres, sem, no entanto, deixar de inserir outros personagens, como crianças, homens e outras mulheres da comunidade e especialistas em etnias indígenas que desenvolveram trabalhos na aldeia Jenipapo-Kanindé. O cotidiano, o sentimento de pertença, as relações interpessoais, as relações com a natureza, o reconhecimento da identidade indígena, entre outros elementos sob as perspectivas em questão também não devem ficar de fora da cobertura, afinal, o livro-reportagem permite o aprofundamento necessário para que a comunidade indígena seja abordada da melhor maneira.

Além da atuação das mulheres em cada um desses setores, a vivência com a família, a rotina, os aspectos psicológicos, os conflitos pessoais e a percepção de mundo serão ressaltados no livro, afinal, a ideia não é somente colocar a atuação feminina naquele determinado espaço, mas revelar quem é, sobretudo, a mulher que está inserida naquele ambiente.

A comunidade indígena, sob diversos aspectos, sempre trouxe discussões pertinentes para a sociedade. A demarcação territorial; o preconceito sofrido; o fato de ter sido o primeiro povo a habitar o Brasil; os resquícios da cultura indígena na construção da sociedade; e o etnocídio são apenas alguns dos pontos levantados nos debates acerca dos índios em livros, conferências e nos próprios meios de comunicação.

Ao longo dos anos, implantações de leis e órgãos que defendessem o direito da etnia, como a Funai, em 1967, objetivaram mudar a realidade desse povo, atuando na garantia de direitos. Todavia, além da repressão histórica, até hoje os interesses empresariais conduzidos, principalmente, pela especulação imobiliária e o agronegócio, por diversas vezes calam a voz e desafiam a resistência indígena.

Outra questão a ser evidenciada é a homogeneização imposta à população indígena ainda no período colonial e perpetuada até hoje. Com recorrência, os índios são retratados com as

mesmas características, ainda que tenham costumes e ideias completamente diversos. Assim como os demais povos tradicionais, cada comunidade indígena possui sua própria cultura, devendo ser reconhecida por suas singularidades.

Utilizando-se de uma definição consolidada por Darcy Ribeiro, Isabelle Braz ressalta que as comunidades indígenas do Ceará são caracterizadas como “integradas”

(...) os integrados vivem “ilhados” em meio à população nacional, incorporados à economia nacional, na maioria das vezes como reserva de mão de obra. Apesar de terem perdido a autonomia cultural, também as suas terras e viverem “confinados em parcelas de seu antigo território”, em meio à população rural, ou em alguns casos, mesmo no meio urbano, preservam a consciência de que constituem um povo distinto e são assim percebidos pelos seus vizinhos, ainda que na maioria das vezes de forma estigmatizada (Ribeiro, pp. 432 – 34 in Braz, p. 154).

Diante desse conceito, a forte atuação feminina nas comunidades indígenas do Ceará também é desconhecida por muitos cearenses. Além da liderança feminina que permanece há 19 anos, as mulheres também possuem grande relevância no artesanato, na agricultura, no comércio e na educação das crianças na escola diferenciada, muitas vezes, ocupando mais de uma função.

A Comunidade Jenipapo-Kanindé resiste na preservação da própria cultura por meio da educação diferenciada; dos rituais tradicionais que ainda são realizados, como o Marco Vivo; da divulgação da história da comunidade por meio do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé; da abertura para visitas por meio do turismo comunitário; da luta pela demarcação das terras, envolvendo uma grande empresa e concretizada há quase três anos; e de outros elementos que revelam a importância da referida aldeia não somente no Estado, mas também em todo o País.

É necessário que a sociedade tenha conhecimento sobre uma comunidade indígena dessa natureza a poucos quilômetros da capital cearense, liderada, pela segunda vez, por uma mulher, que é um dos destaques da aldeia. Vistos, geralmente, como um povo primitivo, o estranhamento se manifesta – até mesmo devido ao preconceito enraizado naturalmente nos que vivem distantes desses espaços e têm acesso somente ao índio dos livros de História ou ao que é pouco e erroneamente retratado na mídia –, ao descobrir que nesse ambiente a organização política e comunitária, por exemplo, é mais consolidada do que em muitas comunidades inseridas na “sociedade branca” e consideradas mais desenvolvidas.

O livro-reportagem foi escolhido como formato para concretizar este projeto devido à possibilidade de explorar narrativas de forma mais aprofundada que o jornalismo convencional, seja qual for sua plataforma.

Como foi exposto anteriormente, os povos indígenas em muitos momentos são retratados de uma maneira superficial e estereotipada, o que afeta diretamente a percepção das pessoas em relação a essa etnia.

No agendamento jornalístico, inicialmente apresentado por Maxwell McCombs e Donald Shaw, os meios de comunicação abrangem as pautas que lhes são de interesse enquanto empresas ou que irão alcançar o interesse do leitor. Dessa forma,

as pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (Shaw, E. apud Wolf, 2001, p.144).

Diante dessa colocação, dificilmente a abordagem dos veículos de comunicação diários será ideal para retratar a realidade não somente das comunidades indígenas, como também a de outros grupos excluídos na sociedade. Assim, muitos povos tradicionais recusam a entrada de repórteres em seus territórios pela distorção da própria realidade que é repassada nos meios de comunicação e que acabam reforçando os preconceitos já tão presentes.

Ao fomentar algumas ideias do senso comum, rechaça outras em sua agenda, deixando que os excluídos somente entrem em seu temário através de concessões: o exótico ou inusitado, em datas comemorativas ou de protesto ou como parte de outro temário maior e já constitutivo da sua agenda. A mídia, na medida que seleciona o que divulga como sendo a realidade, e não sua representação, faz com que o leitor assuma o conteúdo como o todo e não como parte deste todo (MELO, p.4).

Além da forma como é abordado o conteúdo referente aos povos tradicionais, devendo ser coerente com a realidade da Comunidade Jenipapo-Kanindé e distante da estereotipagem já mencionada, a narrativa das vivências das personagens centrais do livro-reportagem “Mulheres da Encantada” seguirá características do jornalismo literário, buscando um texto mais humanizado, portanto, diferente do que é produzido geralmente nos jornais impressos. Esse tipo de narrativa exige caracterização pormenorizada das personagens, em seus aspectos físicos e psicológicos – possibilitada por meio de um longo período de observação –, do cotidiano, bem como do ambiente em que essas pessoas se encontram, principalmente,

no caso da aldeia Jenipapo-Kanindé, que terá sua realidade retratada a partir das mulheres. Assim, é mantido um grande diálogo entre ambiente e personagens.

Para o autor Edvaldo Pereira Lima, “a narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte, já que assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se, ou, ao menos, desencadear um processo de catarse parcial – mental, nesse caso, ou quiçá também emocional – no leitor” (LIMA, 2004, p. 138).

A fim de despertar envolvimento do leitor com o livro, principalmente, a fim de ampliar o olhar dele sobre etnia indígena no Ceará, a produção do texto com características do gênero literário, exige, sobretudo, sensibilidade, que deve perpassar pelo contato com as personagens, pelas entrevistas, pela observação do ambiente e, por fim, pela redação. Para isso, durante o processo de produção, foram necessárias diversas visitas à aldeia, inclusive, para se hospedar na casa da Cacique Irê durante quatro dias, a fim de fazer entrevistas e, especialmente, observar profundamente o cotidiano e características das pessoas que são personagens no livro-reportagem “Mulheres da Encantada”.

A tarefa do livro-reportagem pode ser vista tanto mais complementadora dos periódicos e do jornalismo eletrônico quanto mais se percebe que aquela resulta, muitas vezes, do interesse inicialmente despertado pela mídia cotidiana, da atualização artificial que este provoca em torno de um evento (...) ou do vazio que a imprensa deixa, muitas vezes, por não querer ou não poder mergulhar na profundidade em temas para os quais existe público interessado.

Sob outra ótica, essa complementação se dá pela tentativa do livro em escapar da efemeridade e da superficialidade na imprensa cotidiana. O efêmero lhe é inerente, a superficialidade é uma condição que pode e deve ser combatida, sempre que possível. O livro-reportagem é o instrumento que ataca essas duas circunstâncias sem perder o cumprimento da tarefa de tradução da realidade para o patamar médio que combina cultura erudita, cultura popular e cultura de massa, linguagem coloquial e linguagem formal. (LIMA, 2004, p.41).

A objetividade jornalística se distancia para dar lugar a uma subjetividade necessária. O texto não deixa de ser jornalístico para tornar-se literário, mas as características desse gênero que são contempladas enriquecem e destacam-se no texto.

Uma vez que o livro-reportagem possibilita aprofundamento sobre a temática, todo o processo de produção do material também se torna mais cuidadoso. Assim, uma das metodologias a serem seguidas no caso da grande reportagem sobre os Jenipapo-Kanindé, por exemplo, é a etnorreportagem, conceituada por Nemézio Amaral Filho. Ainda que não seja uma prática acadêmica, como afirma o autor, o jornalismo pode assumir características da etnografia ao reportar assuntos relacionados a povos tradicionais e/ou excluídos da

sociedade. A proposta é a observação, durante um longo período, de determinados grupos sem os olhares estereotipados, “sem nos confundirmos e, ao mesmo tempo, sem exotizá-los” (AMARAL FILHO, 2011, p. 106) para que se possa fazer uma descrição densa dos observados.

Nemézio constrói o conceito de etnorreportagem baseada em dois fatores: a crise de credibilidade dos veículos de comunicação e a crise de credibilidade da própria etnografia, que se impunha autoritária ao interpretar diversos tipos de cultura. Todavia, ainda que os fatores sejam negativos, são ferramentas que, cruzadas, são fundamentais na construção do relato de uma realidade e que, até mesmo por pertencerem a universos distintos nas Ciências Humanas, podem se complementar.

Ainda que em determinados momentos a nossa prática investigativa se assemelhasse à do etnólogo, dela se distinguiu, seja por nosso *lugar de observação*, o da Comunicação, seja pela especificidade do nosso objeto: os discursos da mídia (impressos, Internet, tevê) sobre uma construção social emergente no Brasil (a de 'remanescente do quilombo') (AMARAL FILHO, 2011, p. 108).

Reforçando a proposta do trabalho em desmitificar o índio geralmente exposto na mídia, o livro-reportagem objetiva utilizar, tanto na observação da própria repórter quanto no contato com as personagens, a metodologia conceituada por Nemézio.

A intenção, como já dissemos, é confrontar outra possibilidade de representação com o que produz a maior parte da chamada 'grande imprensa' sobre os 'outros' (negros, gays, índios, comunidades tradicionais, favelados).

(...)

Sabemos que nenhuma metodologia para observar a realidade social está isenta de uma elaboração arbitrária de quem observa, mas ao fazermos o esforço de 'ir a campo' e enfrentar esta contradição, pretendemos descobrir como está sendo realizada a autoanálise de grupos tradicionalmente marginalizados. (AMARAL FILHO, 2011, p.118).

Considerações Finais

No Ceará, as etnias indígenas alcançaram maior visibilidade ao longo dos anos, contudo, ainda é necessário um olhar mais desvelado e responsável dos veículos de comunicação a fim de que esse povo tradicional se torne conhecido pela maior parte da sociedade cearense. Mesmo sendo as principais fontes de informação, jornais de diversas plataformas, devido à falta de tempo ou interesse, dificilmente mostram as particularidades das 14 aldeias

indígenas do Ceará, tão diversas e significativas, com cultura fascinante, luta inspiradora e histórias que cruzam as histórias das cidades onde se encontram. É importante ressaltar que alguns repórteres do Estado abordam a questão de forma diferenciada, como foi colocado, mas o espaço ainda é muito limitado fora das editorias especiais. Em editorias de cotidiano, por exemplo, não é percebido grande esforço em pautar encontros indígenas e cerimônias realizadas nas aldeias. Como livro-reportagem, “Mulheres da Encantada” tem a proposta de inserir a questão indígena, em especial, a aldeia Jenipapo-Kanindé, em uma abordagem mais aprofundada, que possa contemplar aquilo que geralmente é esquecido nos grandes veículos. Uma vez que a plataforma oferece maior liberdade para retratar diversos aspectos da comunidade, utilizando, também, uma linguagem mais humanizada, a partir de dias de pesquisa, observação, conversas e convívio com as pessoas da aldeia, “Mulheres da Encantada” propõe uma inserção diferenciada dos índios no jornalismo cearense, ampliando o olhar dos leitores para a comunidade indígena do Estado, a partir do interesse despertado pela aldeia Jenipapo-Kanindé, foco do produto jornalístico, e de outras aldeias que não serão dispensadas na produção do livro. Na comunidade acadêmica, a proposta se mantém, já que na Universidade Federal do Ceará, onde o trabalho está sendo desenvolvido, livros-reportagens sobre a temática, até o momento, não foram produzidos.

Referências Bibliográficas

AMARAL, André Luiz do. **A arte de informar: o jornalismo literário na revista Piauí**. Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo, RS. 2009. 107 p.

AMARAL FILHO, Nemézio. **O passo a passo da monografia em jornalismo**. Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ: Quartet, 2011. 126 p.

ANTUNES, Ticiania de Oliveira. **A emergência política e cultural do grupo indígena Jenipapo-Kanindé e suas relações com as políticas públicas**. II Jornada Internacional de Políticas Públicas, Questão Social e Desenvolvimento no Século XXI. São Luís, MA. 2007.

BRUM, Juliana de. **A Hipótese do Agenda Setting: estudos e perspectivas**. In: Razón y Palabra. Nº. 35. México: out./nov. 2003. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>>. Acessado em 28 de novembro de 2013.

CUNHA, Manuela Cardeniro da. FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO.; SÃO PAULO (SP). **História dos índios no Brasil**. 2ª ed. 6ª reimp. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2009. 609 p.

GALVÃO, Eduardo. **Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979. 300 p;

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil: ensaio sobre um holocausto e obre uma nova possibilidade de convivência**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1988, 237 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2004, 470 p.

LUSTOSA, Isis Maria Cunha. **Projetos de Turismo em Terras Indígenas: Tremembé de Itapipoca e Jenipapo-Kanindé de Aquiraz – Ceará**. Mercator, Goiânia, número 20, 2010.

MARTINS, André Ricardo Nunes. **Grupos Excluídos no Discurso da Mídia: uma análise de discurso crítica**. Universidade de Brasília. D.E.L.L.T.A., 2005, p. 129 – p. 147;

MELO, Patrícia Bandeira de. **O Índio na mídia: Discurso e Representação**. Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/indio.pdf>>

PALITOT, Estêvão Martins. **Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará**. Fortaleza, CE: SECULT, 2009. 461 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. 142 p.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 559 p.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, SP: Summus, 2003. 162 p.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6.ed. Lisboa: Presença, 2001. 271 p.

Câmera 12 (TV Jangadeiro) - **Índios do Ceará**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=J5bjxFX85ak>>. Acesso em 27 de novembro de 2013.

Diário do Nordeste - **Mulheres em defesa da grande Mãe Natureza**. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1276317>>. Acesso em 8 de julho de 2013;

I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. **Documento-Síntese dos Documentos Finais das Conferências Regionais de Educação Escolar Indígena**. Disponível em

<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Educacao_Escolar_Indigena/caderno_propostas_1_conferencia_educacao_escolar_indigena.pdf>. Acesso em 27 de novembro de 2013.

Conselho Distrital de Saúde Indígena do Ceará - Histórico do Movimento Indígena no Ceará. **Histórico do Movimento Indígena no Ceará.** Disponível em <<http://condisiceara.blogspot.com.br/p/historico-do-movimento-indigena-no-ceara.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2013;

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Os indígenas no censo 2010.** Disponível em <http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf>. Acesso em 26 de novembro de 2013;

Associação para Desenvolvimento Local Co-Produzido (Adelco) - **O que fazemos? Comunidade Jenipapo-Kanindé.** Disponível em: <<http://www.adelco.org.br/o-que-fazemos/comunidades/comunidade-jenipapo-kaninde>>. Acesso em 08 de julho de 2013;

Fundação Nacional do Índio - **Origem dos Índios.** Disponível em <<http://www.funai.gov.br/indios/origem.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2013;